

T  
T  
“Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável. Vivía na casa uma rapariga preta que suportava dias inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miserável prostituição; entretanto, à menor dor de dentes chorava, temendo que a morte estivesse próxima.”

(Recordações do Escrivão Isaías Caminha)

Os vencimentos parcos não lhes permitiam sequer um aspecto agradável do ponto de vista das roupas. Roupas soviadas, muitas vezes ganhas de amigos. Calçados também e sempre cambaios, raramente engraxados. Alguns conseguiram melhorar o orçamento mensal encarregando-se do encaminhamento de papéis nas repartições a que pertenciam, outros recebiam discretas pensões mensais de parentes ou de amigos mais aquinhoados.

Entre eles, havia um que não aparecia nestes bares, mas alcançava Lima e o grupo à sua chegada à Estação Dom Pedro II, porque sendo escriturário da Diretoria da Central do Brasil, dali saía, mais ou menos, às dezoito horas, quando Lima já devia estar próximo. Era um homem melhor situado economicamente, não apenas pelos vencimentos, porém, por ter rendas, creio que de alugueis de casas e até residia em prédio próprio. Era mais velho que Lima, nessa época estaria com uns trinta e cinco anos. Usava infalivelmente, fraque, chapéu coco, relógio de ouro cruzando o colete, boas gravatas, a roupa impecavelmente bem passada, os sapatos pretos, cintilantes. Comedido no falar, no comer e no beber. Reservado nas suas relações. Mesmo durante cinco ou seis anos em que ele frequentou esse grupo, nunca houve modo de fazer convite a qualquer um deles para uma simples visita à sua residência. Quando alguém insinuava, ele habilmente, gentilmente, saía pela esquerda, sem que o interessado se ressentisse do gesto. Criara a fama

de ter produzido um único soneto, que ele recitava sempre que a circunstância lhe permitisse, nas grandes rodas dos sábados.

“O brasileiro — continuou noutro passo, mas tenho, como campo de observações, ainda o trem de subúrbio — é vaidoso e guloso de títulos ociosos e honrarias chochas. O seu ideal é ter distinções de anéis, de veneras, de condecorações, andar cheio de dourados, com o peito *chamarré d'or*, seja da Guarda Nacional ou da atual segunda linha. Observem. Quanto mais modesta for a categoria do empregado — no subúrbio, pelo menos — mais enfatuado ele se mostra. Um velho contínuo tem-se na conta de grande e imensa coisa, só pelo fato de ser funcionário do Estado, para carregar papéis de um lado para outro: e um simples terceiro oficial, que a isso chegou, por trapaças de transferências e artigos capciosos nas reformas, partindo de ‘servente adido à escrita’, impa que nem um diretor notável, quando compra, se o faz, a passagem no guichê da estação. Empurra brutalmente os outros, olha com desdém os mal vestidos, bate nervosamente com os níqueis.”

(Feiras e Mafuás)

“Via eu todos os dias passar na rua principal de Bosomby um sujeito cheio de imponência e ademanos fidalgos; perguntei a um amigo:

- Quem é aquele? É algum duque? É marquês?
- Qual! É um tabelião.”

(Bruzundangas)

“Louro, doutor e estrangeiro, ias longe!”

(Bruzundangas)

“Gonzaga de Sá dizia-me:

— A mais estúpida mania dos brasileiros, a mais estulta e lorpa, é a da aristocracia. Abre aí um jornaleco, desses de

ótimo → Pensar Macabéa  
"non sen deputada..."